

DE BRAÇOS ABERTOS

No finzinho do ano passado, numa tarde esplêndida de luz e cor, meu neto Sérgio (cinco anos) apareceu na minha casa. Forte e bonito, com seus olhos pretos e amendoados, me olhou bem de frente e, com a objetividade das crianças, me deu uma "cantada":

- Vô, pode ser um sorvetinho, daqueles de caixinha? "Tô" com uma sede danada.

Concordei de pronto (resistir quem pode). Peguei meu carro e, ambos felizes, demandamos o bar do Farid. De sorvete na mão, fomos dar uma volta. Segui pela Valentim Gentil, passei pela Rodoviária em direção ao trevo da estrada de Ibitinga. Ao passar pela estrada do Cristo, que fica, dia e noite, olhando para cidade, imóvel e quieto, meu neto perguntou à queima roupa:

- "Vô". Por que Ele fica sempre de braços abertos?

Como a pergunta não era fácil de responder, segui até a rodovia, fiz o balão e voltei. Perto da estátua novamente, respondi:

- É por que Ele é amigo de toda a humanidade, dos homens, das mulheres, das crianças, dos velhos, dos ricos, dos pobres, dos sádios e dos doentes, dos pretos e dos brancos,

dos virtuosos e dos pecadores, dos bons e dos maus. E assim, de braços sempre abertos, em todas as ocasiões está a espera dos que O procuram. Quem precisar de consolo, de amparo, quem se sentir triste e injustiçado, quem estiver sofrendo, quem se sentir amargurado e só, encontra-Lo-á de braços abertos e acolhedores.

Evidentemente, não é fácil explicar para um menino de cinco anos, que está feliz chupando um sorvete, as tristezas do mundo.

Deixei o moleque em sua casa, com intenção de voltar para meu lar, pois já estava na hora da novela. No entanto, uma força estranha guiou meu automóvel. Voltei para as imediações da rodoviária. Estacionei e fiquei olhando para a enorme estátua, já meio suja pela poeira do tempo. Fitei a cara de pedra de Jesus e achei seu semblante muito triste. Nesse momento, o sol já estava sumindo no horizonte e o céu se cobriu de um vermelho intenso e angustiante. Algumas sombras já toldavam o rosto do Cristo e, decididamente, seu semblante era de choro. Fiquei preocupado: será que estou vendo "coisas", pois obviamente, uma estátua não chora.

Repentinamente, uma luz clara e maravilhosa substituiu o vermelho do céu. Aí, nitidamente, ouvi uma voz forte e amiga, como a de meu Pai.

- Rubão. Ouvi sua resposta ao menino. Tenho vivido sempre de braços abertos para todos. Mas atualmente, poucos me procuram. . . Já que as solicitações mundanas e profanas são muito fortes. Os homens não estão seguindo direito os mandamentos do decálogo de meu Pai. Parece que meus ensinamentos não adiantaram muito, não valeram nada. Minhas parábolas, o Sermão da Montanha... não são mais escutados. Os milagres que fiz para indicar os caminhos da fé nem sempre são acreditados. Minha própria igreja está sendo invadida pelos pensamentos marxistas. Os vendilhões do templo pululam mais que antigamente. Guerras, fome, desgraças, libertinagem, licenciosidade, cobiça... A divindade do ouro não pára de ameaçar o verdadeiro Deus. Não sei se os martírios e a minha crucificação valeram alguma coisa. Em todo caso, na próxima vez, você poderá dizer ao Sérginho que também estou de braços sempre abertos, porque nessa posição é muito mais fácil me pregarem novamente na cruz.